

# O cotidiano de um jornalista

## The daily life of a journalist

Denize Piccolotto Carvalho

*Professor Associado, da Universidade Federal do Amazonas. Pós-doutorado em Tecnologia Educacional - Universitat de les Illes Balears (2007), Doutorado em Educação - Universitat de les Illes Balears (2003), Mestrado em Tecnologia Educacional: Planejamento e construção de materiais didáticos - Universitat de les Illes Balears (2001), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (1997), Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Federal do Amazonas (1996), Especialização em Teoria e Pesquisa em Comunicação Social pela Universidade Federal do Amazonas (1995), Graduação em Educação Artística: habilitação em desenho, pela Universidade Federal do Amazonas (1990) e Graduação no Curso de Ciências Exatas pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cachoeira do Sul (1981).*  
Email: denize.piccolotto@gmail.com

Macri Elaine Colombo

*Experiência como professora na área de Comunicação, principalmente nos temas: educomunicação, teoria da comunicação e teoria do jornalismo. Como jornalista possui prática no impresso e rádio, especificamente na área policial e em campanha eleitoral. Na área da Pedagogia tem afinidade nas disciplinas: estudo de campo, metodologia científica e pedagogia hospitalar. Mestrado em Ciências da Comunicação pela UFAM. Tem especialização em Metodologia do Ensino Superior pela UFAM e em Gestão Universitária pela Nilton Lins. É graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- UNESP. e em Pedagogia na Faculdade Boas Novas. Atualmente leciona em uma instituição particular. Já foi coordenadora do curso de Jornalismo e de Propaganda e Publicidade e lecionou na graduação e na pós-graduação.*  
Email: macricolombo@hotmail.com

### Resumo

*Este estudo assume o escopo de evidenciar o cotidiano dos jornalistas, no que diz respeito a sua “cultura jornalística”, principalmente quando se trata do tempo- dead line. A qual este profissional convive entre prazer e a pressão de ter que entregar as matérias na hora certa, para que seja divulgada para a sociedade. Por isto, é comparado com o deus do tempo. Esta situação de satisfação muitas das vezes o faz esquecer ou ignorar seus direitos profissionais. A pesquisa foi pautada através do estudo de caso, enquanto a técnica de investigação contou com a pesquisa de campo, com levantamento de dados qualitativos por meio da observação somada a estudos bibliográficos com abordagem da teoria do jornalismo, da sociologia, entre outros. Com a finalidade de contribuir com a agenda de debates científicos sobre esta temática.*

### Palavras-Chave

*Jornalista; Trabalho; Cotidiano; Prazer; Tempo.*

### Abstract

*This study assumes the scope of highlighting the daily lives of journalists, with regard to their “journalistic culture”, especially when it comes to the dead-line time. Which this professional coexists between pleasure and the pressure of having to deliver the materials at the right time, so that it is disclosed to society. For this reason, it is compared to the god of time. This situation of satisfaction often makes him forget or ignore his professional rights. The research was guided by the case study, while the investigation technique relied on the field research, with qualitative data survey through observation added to bibliographic studies with an approach to journalism theory, sociology, among others. In order to contribute to the agenda of scientific debates on this topic.*

### Keywords

*Journalist; Work; Everyday; Pleasure; Communication.*

## Introdução

Este artigo assenta-se numa investigação para evidenciar o cotidiano dos jornalistas, o que inclui mostrar a sua “cultura jornalística”, que vai desde a relação do tempo da entrega da matéria – o famoso *dead line* e do espaço que possui para divulgar as notícias que muitas vezes para o jornalista acaba sendo pouco, por ter muitos dados do fato que poderiam render mais caracteres ou minutos para contar esta história.

O que nos faz pensar de como os jornalistas lidam com isto, no dia a dia no trabalho, as quais acabam em determinado momento misturando a “pressão” da entrega da matéria no prazo estabelecido pela empresa, com a satisfação de tido a sensação de ter podido controlar o tempo.

Também mostremos que o tempo faz parte do ritual da passagem de quem ingressa em uma redação<sup>1</sup> de um veículo de comunicação (empresa), na qual os repórteres mais, experientes, testam os novatos, chamados no dialeto “jornalês” de focas, colocando - os nas editorias esportivas ou policiais para saberem se possuem habilidade, agilidade e esperteza, em lidar com a pressão do tempo e da adrenalina, pois estas duas seções exigem mais de um jornalista do que qualquer outra editoria.

O que nos levou a usar uma metáfora com este tópico usando a mitologia grega, mais especificamente o personagem *Chronos*, tido como deus do tempo e conciliando com os personagens de gibis com o Super- Homem.

Como iremos perceber neste artigo o trabalho desses comunicólogos é interessante, traz *status*, prazer e poder. Mas muitas vezes estes fatores de alguma maneira tidos positivos, se tornam negativos quando os donos das empresas de comunicação usufruem deste ponto para aliená-los. O que logo vem à mente o filme *Tempos Modernos* (1936), em que Charles Chaplin retrata a vida de um trabalhador que segue o ritmo do *Fordismo* – produção em massa (Fordismo, endereço eletrônico, 2011), implantado no auge da grande depressão capitalista na década 1930, em que o seu personagem vive freneticamente pondo maior quantidade plausível de peças na esteira em menor tempo possível. No caso do jornalista só muda o objeto de produção, para os textos jornalísticos.

Quanto a proposta metodológica que norteará este trabalho é a abordagem qualitativa. Essa alternativa possibilita a leitura da realidade social para o entendimento dos fenômenos, visto que a pretensão é descrever os fatos observados e estudados a respeito de como é o cotidiano dos jornalistas em uma redação ao ter que todos os dias ter que ganhar a corrida contra o tempo para divulgar as matérias para o público no tempo certo. Sem que ultrapasse a sua carga horária de trabalho.

Como método de procedimento, será utilizado o estudo etnográfico para entender a cultura dos “nativos”; neste caso, o jornalista. Leve-se em conta que a cultura desses profissionais não faz parte de outra sociedade, porém se encaixa adequadamente ao analisar seus costumes e seus rituais.

Pelo fato de a pesquisadora ser jornalista e já ter frequentado esse ambiente, ela já se retirou das redações para poder se despir de conceitos e de preconceitos sobre a profissão, a fim de poder realizar uma pesquisa de campo de maneira ética. Para que após chegarmos a conclusão, tenha como meta, contribuir com a agenda de debates científicos sobre esta temática.

## O tempo na cultura jornalística

Começamos a buscar na etimologia, que visa estudar a origem das palavras, o vocábulo tempo para que possamos entender o trabalho de um jornalista, pois esse está conectado como uma simbiose no cotidiano deste profissional.

Partimos então de que a palavra tempo tem origem no latim. Ela é derivada de *tempus* e *temporis*, que significam a divisão da duração em instante, segundo, minuto, hora, dia, mês, ano, etc.

No dicionário Aurélio existe vários conceitos. Mencionemos apenas alguns exemplos como: o tempo pode vir a significar o momento ou ocasião apropriada (ou disponível) para que algo se realize. Podemos aludir à frase: Não tive tempo para assistir os telejornais nacionais do Estado do Amazonas.

Tempo pode ter o contexto de certo período visto do ângulo daquele que discursa com quem se discursa, ou de quem se discursa; época: No meu tempo a redação de um jornal era mais barulhenta. Pode vir a ser também, a ocasião em que se vive a época, o século, citemos: Nelson Traquina<sup>2</sup> é um homem do outro tempo.

Mas quem define com exatidão é Damásio (2002, p.80):

O ser humano tem uma complexa relação quando se trata de tempo, por estar relacionado ao seu cotidiano em todos os aspectos que vai desde o emocional ao profissional. Além do tempo biológico (dos ciclos circadianos a que estamos submetidos, por exemplo) ou deste tempo cronológico (como o dos relógios mecânicos), há um outro tempo totalmente diverso. É o tempo subjetivo que nos faz perceber a passagem do tempo mais rápida ou mais lenta, ou aquele em que organizamos mentalmente a ordem dos acontecimentos. Ainda não se sabe ao certo como este tempo mental se “relaciona com o relógio biológico do tempo corporal” [...] Não há como saber se há algum mecanismo de registro temporal ou se nossa percepção da duração e da sequência dos acontecimentos se baseia exclusivamente no processamento das informações; no entanto, para este neurocientista, o tempo mental pode ser determinado pela atenção que dispensamos aos eventos e pelas emoções sentidas quando eles ocorrem. ‘O tempo mental deve ser também influenciado pela maneira como registramos esses eventos e pelas inferências que fazemos ao percebê-los e recordá-los’.

Mansur (1998) complementa ao relatar: O Domingo é tão curto, os outros dias duram tanto. Nas horas eles são iguais à diferença deve estar naquilo que a gente faz (MANSUR, 1998, p.18-19).

Assim podemos fazer uma correlação entre o tempo com a profissão dos jornalistas. Estes possuem uma relação gnóstica, quando se trata de lidar e superar a barreira do tempo, se sente o controlador desse, como: ao ter que entregar seu texto, conforme a hora marcada pela empresa ao responsável, termo usado para expressar este contexto é *dead line*<sup>3</sup>, traduzido ao pé da letra “a hora da morte”.

Esta cultura tem rito que acontece, desde quando o *foca* ingressa em um veículo de comunicação, este é testado para saber se possui a “capacidade” de lidar com a pressão do tempo ao ter que entregar suas matérias para o editor. Os jornalistas mais velhos ordenam o novato a cobrir esporte e / ou polícia. Os veteranos fazem isto porque conhecem que estes assuntos exigem mais habilidade, rapidez, astúcia e esperteza, e conseqüentemente se trabalhe ainda mais contra o tempo.

Mas vale a ressalva de que a questão *dead line* prevalece cotidianamente de maneira exagerada. A qual muitas vezes o jornalista é obrigado em curto tempo entregar a matéria, tendo muito que investigar sobre o fato. E as vezes concomitantemente em certas ocasiões

possuindo muitas pautas para serem cobertas no dia e com mais variados gêneros jornalístico<sup>4</sup>.

Outro caso que sucede no trabalho é quando surge imprevisto, um fato que é “matéria quente”<sup>5</sup> para ser uma manchete e esta surge quase na hora do *dead line*.

Então é necessário ter ainda mais domínio sobre o tempo, isto é possível colocando ordem com planejamento e equilíbrio emocional para que se tenha tempo para publicar a matéria no tempo hábil, para que o leitor obtenha a informação atual. É um modo de colocar ordem no que diz respeito ao tempo, espaço no trabalho, para que diminua os imprevistos.

Não esquecendo de que para saber lidar com o tempo precisa ter também um *faro jornalístico* (é a capacidade de saber quais são os fatos que merecem virar notícia), tendo as técnicas jornalísticas tais como *lead*<sup>6</sup>, pirâmide invertida<sup>7</sup>, etc., para não perder tempo ao ter que estruturar os acontecimentos em notícias.

Por isto que o jornalista também tem a sensação de que é controlador do tempo e do espaço. Mesmo apertado pelos horários de fechamento ou por pouco centímetros em uma página, ele sabe como transcender esses limites para contar a sua história. (PENA, 2010, p.140)

O que os fazem crer que sejam Chronos, que é o deus da ordem cronológica da sucessão dos eventos. Este deus nas mitologias greco-romanas, dessa narrativa mitológica com este personagem são transmitidas e sedimentadas na linguagem as palavras:

[...] cronologia, crônica, crônica literária, doença crônica, anacrônico, sincronia, sincrônico, diacronia, sincronização, cronometria, cronômetro etc. O que revela além da possibilidade de fazer crônicas, de contar e de historicizar, a posterior possibilidade de medir. A possibilidade de medir, cronometrar é derivada de uma outra faceta de Chronos, a agricultura, ou a medição da terra e do espaço. (PAULA, 2008, p.21).

O que podemos metaforizar com o trabalho dos jornalistas, já que esses contam histórias, utilizando o tipo textual à narrativa para seduzir seus leitores, mas não deslembrando de levar em conta o espaço que o destina a descrever os fatos, que muitas vezes é pequeno para narrar todos os acontecimentos, e por tabela tempo para passá-la às pessoas.

O mito de Chronos historicamente tem sido associado ao tempo. Filho de Urano e Gaia, Chronos é convencido por Gaia a enfrentar Urano que ocultava sistematicamente seus filhos no corpo de Gaia. Ao lutarem, Chronos castra Urano e assume o poder. Urano lança-lhe, então, uma profecia de que ele também será destronado por um filho. Após casar-se com Réia, Chronos aprisiona seus irmãos e devora sistematicamente seus filhos, por receio de que a profecia se concretize. Entretanto, um dos filhos de Chronos, Zeus, nasce e refugia-se em uma gruta. Mais tarde, Zeus enfrenta Chronos e o faz libertar os outros filhos engolidos.

O que na concepção de Bacon (2008):

Alegoria presente neste mito em que Chronos devora os filhos pode ser a seguinte: o tempo devora até os filhos. O Tempo (Chronos) que não se sacia, pois devora todos aqueles que passam. O Tempo que, munido de uma foice, devora filhos e mata o pai, mas também semeia o solo e o mar. No semear, o sêmen lançado (alegoria masculina e não feminina da fertilidade) ao solo e ao mar é que unirá Tempo/Chronos a outra narrativa. (BACON apud PAULA, 2008, p.34).

Já Lourax (1990 apud PAULA, 2008), na mitologia romana diz que Chronos denomina de Saturno, o protetor da agricultura. Assim, Chronos/Saturno passa também a significar o guardião dos limites do universo (espaço e tempo).

O que segura o tempo são os laços ditos como interpessoais, que podem ter o significado de destino. O que leva a pensar que laços/ destino dependem do tempo para realizar suas atividades.

Usufruindo outra vez da metáfora podemos dizer que o destino da pessoa que em entra no *campo*<sup>9</sup> da redação (local de produção jornalística) tende a ter o *habitus*<sup>10</sup>, que consta obter um contrato de se estar sempre entrelaçado com a sociedade, com a finalidade de representá-la, e além de informar também diretamente ou indiretamente nesta era pós-moderna ocupa um papel de destaque na formação moral, psicológica e cognitiva do homem (ORTIZ, 1983).

Enquanto que Kairós outro deus do tempo possui:

[...] uma percepção aguda das necessidades dos indivíduos envolvidos, bem como daquilo que o grupo engendra. Kairós apresenta-se como uma janela de oportunidade que subitamente se percebe aberta em um dado contexto. Perceber e explorar um momento oportuno requer uma atitude atenta [...] e pedagógica [...]. (GARCIA, 2006).

Esses requerem ao escrever a sensação de borbulho de ideias de que podem surgir novos pensamentos, quando estão sentados em frente do computador, onde tem que decidir o direcionamento, enfim a linha ideológica do assunto investigado, mas que quase sempre afetada pelas decisões do dono da empresa de comunicação. Podendo até ter cunho educativo suas matérias, já que o ecossistema comunicativo está tendo espaço em todos os ambientes nesta contemporaneidade em que vivemos, incluindo a escola (SOARES, 2011). O que faz complementar à noção de temporalidade representada por Chronos, pois este deus do tempo cronológico é o que não nos deixa esquecer dos prazos de entrega.

Por último, o Aiôn também considerado o deus do tempo, tem como significado (que em grego quer dizer “sempre”) ou *aeoum*(em latim). Que visa no momento do turbilhão das decisões o que escrever e como escrever, surge esse deus para “brincar” e jogar com as palavras para que possamos ser criativos, dando a sensação de haver tempo, aparentando estarmos vivendo um mundo a parte dos outros.

Passando para a realidade do jornalista, o Aiôn nos mostra que podemos devanear e usar sim a criatividade, não ficando limitadas às técnicas como a do *lead* (não que não seja importante), é um modo de chamar mais atenção do público, ao contar uma história e consequentemente de aumentar a venda do produto, no caso, o jornal.

Estes deuses do tempo metaforizados com os jornalistas também podem ser visto todos embutidos nos personagens de quadrinhos, como: o Super – Homem travestidos de Clark Kent, o repórter do Planeta Diário, Super Girl (Kara Zor-El) mais conhecida como prima e repórter do Super- Homem e Peter Parker um repórter – fotográfico com poderes de um Homem -Aranha . Por demonstrar um comunicólogo que acreditava que representava todos os sentidos e percepções da sociedade, onde esta mesma não podia estar presente nos fatos ocorridos no mundo. A qual todos da redação tinham o mesmo objetivo de informar a população o quanto antes sobre os fatos, nem que para isto, “corressem para ganhar do tempo”. E em certas ocasiões até se tornarem uma espécie de *Quarto Poder*, para defender os direitos dos cidadãos tidos como heróis, romântico e revolucionário. Mas isto mudou com o surgimento da indústria cultural o que consequentemente fortaleceu o sistema capitalista nos veículos de comunicações, o que fez com que houvesse a separação dos jornalistas com os empresários (ADGHIRNI, 2005).

Os jornalistas com esta nova cultura empresarial, o que inclui a introdução de novas tecnologias na produção, que cada vez mais vem se modernizando. Percebe-se bem esta situação no livro: *O Mundo dos Jornalistas*, de Isabel Travancas (1993) ao mostrar que na década de 90, as redações ficavam cada vez mais informatizadas, deixando de lado cada vez mais os bloquinhos de anotações no papel.

Também se notou através deste contexto histórico dos jornalistas, que estes profissionais ficaram reprimidos pelos empresários a ter mais do que nunca a cumprir o tempo de entregas das matérias e com mais produção jornalística, cuja principal finalidade é vender e vender cada vez mais as notícias. Com isto muitos jornalistas não usufruem de seus direitos trabalhistas como deveria, como o direito de férias, carga horária adequada e salários justos. Por acreditarem que estão em um trabalho que lhe oferecem adrenalina, prazer, *status* etc., em vez de emprego.

## Trabalho ou emprego para os jornalistas

A questão do tempo, por exemplo, no cotidiano dos jornalistas, principalmente a partir das décadas de 90 com a modernização nas redações, faz refletir sobre até que momento a profissão do jornalista deixa de ser um trabalho e torna-se um emprego, de maneira desleal por parte de alguns empresários da comunicação. Por saber que os jornalistas tem paixão, por sua profissão.

Os jornalistas não veem como emprego o que realizam, mas sim como trabalho. Como sugeria Santo Agostinho ao relatar que o trabalho era como um lazer, inclusive pelo fato de acreditar que se trabalha também no céu. Deixando claro que este, é tido como uma atividade que gasta energia tanto intelectualmente como fisicamente, sem a finalidade de lucratividade e sim de vocação e de prazer (TORRES, 2013).

Esse santo ao interpretar o Gênesis 2:5 “Não havia ainda nenhuma planta do campo na terra, pois ainda nenhuma erva do campo havia brotado; porque o SENHOR Deus não fizera chover sobre a terra, e também não havia homem para lavrar o solo” (versão Almeida Revista e Atualizada).

Refere com isto de que quando Deus colocou Adão nas atividades agrícolas, não viu este ato, como uma forma de pagar os pecados e sim como uma aptidão. E é assim como os profissionais da comunicação pensam e agem em seu dia-a-dia quando se veem com tantas tarefas a fazer.

Mas esquecem de que o sistema econômico e concomitantemente o sistema político sofreu e sofrem modificações, conforme as mudanças culturais, o que reflete no financeiro. O que faz refletir de que não podemos viver na era do fazer jornalismo somente por romantismo como os personagens de super-heróis trajados de jornalistas nos quadrinhos. Pena (2010), assim como outros pesquisadores na área da comunicação relata, do jornalismo ser um negócio, e como tal visa lucro, sendo uma empresa precisa ter uma organização para que possa ter rentabilidade.

Muitas vezes estas organizações são comandadas pelos interesses de alguns empresários que se aproveitam do capital cultural e intelectual dos jornalistas e os alienam em seu cotidiano em todas as formas de atuar nos *campos* que se encontram (ORTIZ, 1983).

Estes perpetram em grande parte, com que o ciclo da vida desse profissional tivesse apenas conectado ao trabalho tendo como sinônimo entre tantos, a imagem do lazer. Não tendo outros *habitus*, mesmo estando em outros *campos*, o que contradiz o que deveria suceder conforme a corrente da dramaturgia, vinda da teoria interacionista simbólica de Goffman (1922-1982) quando se trata do comportamento humano como “metáfora teatral”.

Littlejohn complementa:

O contexto habitual da interação é um palco. As pessoas são atores, estruturando seus desempenhos para impressionar a “plateia”. Segundo Goffman, a comunicação interpessoal é uma representação através da qual são projetados vários aspectos do eu... Iniciou sua argumentação com o pressuposto de que a pessoa, ao defrontar-se com determinada situação, deve atribuir, de algum modo, um nexos ou organizar os eventos percebido. O que emerge como um acontecimento organizado para o indivíduo converte-se na realidade do momento para essa pessoa. (LITTLEJONH, 1982, p.281-221 apud BARBOSA, 2013).

Os donos dos veículos de comunicação compreendendo este mecanismo fazem com que a redação tenha ainda mais um clima de cooperação, que prevaleça o senso comum entre os jornalistas, o que significa a dominância da cultura jornalística, para que não haja confronto entre esta classe (PENA, 2010). O que faz refletir e questionar. Será este motivo, para que o sindicato dos jornalistas não seja forte suficiente para reivindicar melhorias, por exemplo, salarial dos jornalistas e direitos a horas de folga na prática?

Estes mesmos empresários também sabem de que os comunicólogos consideram seu ofício afável, interessante, por fazê-lo deliciar acontecimentos importantes, por fugir da rotina, ter adrenalina e trazer *status*. E destarte tende concomitantemente a criar laços de amizade, o que dificulta, dizer não em determinados momentos, até por que almejam com isto conseguir a promoção. Por receio de perder esta cotidianidade acabam aceitando, muitas vezes sem perceber as normas editoriais como se fosse uma verdade só, pondo em segundo plano suas crenças individuais (PENA, 2010).

Com outros profissionais segundo diz Wright (1969) o ciclo se divide em dois momentos o do trabalho e do lazer, onde neste caso existem dois “palcos” para expressar o *ethos*. O que também não significa ser adequado como um modo de vida saudável, pois devemos ter a liberdade de atuar em vários ambientes, libertando os nossos “eus” para aspirarmos e sonharmos e tendo o emprego como trabalho.

E não tendo este lazer um meio de gastar dinheiro, para se encaixar na sociedade consumista, que se aspiram serem igual no mínimo semelhante às atrizes de novelas, personalidades por demonstrar *status* e poder, construídas e divulgadas pela mídia de massa, desse modo tendo o trabalho apenas como meio de obter esta diversão.

Já Mills (2009) pensa que não há nenhuma separação entre trabalho e divertimento, trabalho e cultura no modo como ganha a vida e cita como modelo o artesão, e pensamos que poderia estar conectado ao profissional da comunicação, mais especificamente o jornalista. “Seu trabalho é o motivo principal de sua vida; ele não foge do trabalho numa esfera separada do lazer; leva para suas horas de ócio os valores e qualidades desenvolvidos e empregados em suas horas de trabalho” (MILLS, 2009, p. 78).

Este contexto poderia ser o mesmo, enfim o ideal, onde teríamos vários palcos para atuarem com criatividade e liberdade como dos artesãos, sem a alienação dominando o roteiro da peça chamada: Vida do Jornalista.

## Considerações finais

Como podemos constatar os jornalistas representam a sociedade- visto por muitos como o *Quarto Poder*, tendo como finalidade de mostrar os fatos como são, e até mesmo em

alguns casos a ajudar a construir um novo e justo capítulo da história das pessoas, como foi o caso da época da ditadura no Brasil, o *impeachment* do presidente Collor no Brasil, aumento no piso salarial dos trabalhadores, entre tantos outros temas.

Mas os mesmos esquecem-se de perceber devido o ritmo de trabalho que também são vítimas de um sistema que desejam sugar seus capitais simbólicos que inclui o intelectual, cultural e tenta sufocá-los, utilizando o prazer que estes sentem em estar dentro de uma redação e a adrenalina de estar apurando os fatos que poderão tornar-se notícia, é onde entram em contato com “mundos diferentes”. Ao ponto de acabar aceitando de uma maneira ou outra as normas editoriais da empresa que podem fugir da ética jornalística ou da ética civil. E muitas vezes deixam de lado o convívio familiar, por receio de perder esta cotidianidade profissional que os veículos de comunicação proporcionam aos que tem esta vocação profissional.

Por outro lado, em certos momentos com o mesmo receio de perder o seu espaço em uma redação diretamente ou indiretamente alguns destes colaboram com donos de empresas a propagar esta alienação, ao mostrar cenas que embutem na cabeça das pessoas que precisam ter objetos de valor ou da moda, para obter lazer e prazer. E para que a economia continue estabilizada é necessário consumir, outro item divulgado é de que todos os trabalhadores são componente integrante da empresa, por fazerem parte desta “família”, assim todos devem trabalhar em benefício desta, enfim da casa, não importando o sacrifício que tenham que fazer pelo fato de todos terem a mesma possibilidade de ser bem sucedido profissionalmente. Tudo isto para que não se tenha questionamento e por tabela reivindicações.

Deixando claro que em nenhum momento estamos julgando algum sistema político, quer seja seu direcionamento com tendência esquerdista ou direitista, até porque ambos têm seus pês e contra ao pôr em prática seus pensamentos, e tão pouco somos contra os empresários. Apenas relatamos o que vem tomando conta no cotidiano dos trabalhadores.

Tendo como foco os jornalistas, por fazer parte da nossa experiência empírica há mais de dez anos. Além de responder questionamentos de futuros comunicólogos sobre a questão de como os jornalistas lidam com o tempo como se fossem controladores do tempo e consequentemente do espaço ao ter que suportar a pressão do *dead line* todos os dias, sem poder usar como justificativa este processo por não ter realizado uma matéria com qualidade, ou por não ser especialistas. Pois entendem que ao escolher esta profissão sempre vai ser pressionado para realizar as matérias o quanto antes e que chamem atenção do público para que esse compre o produto final, o jornal. Mas isto não significa submeter a uma engrenagem onde exista o mocinho e o bandido querendo tirar o proveito da situação de qualquer custo e sim que haja equilíbrio sem exploração, bom senso e compreenda que até o amor a profissão também vem junto com o reconhecimento financeiro.

## Referências

ADGHIRNI Zélia Leal. **O Jornalista: do mito ao mercado**. Universidade Federal de Santa Catarina-SC, ISSN 19846924, v.2 n.1, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2088/1828>. Acesso em 16 de mai de 2020. Periódicos: Estudos em Jornalismo e Mídias.

BARBOSA, Walmir de Albuquerque, Sexta seção de aulas: **A vida cotidiana sob a perspectiva do interacionismo simbólico**, disciplina tópicos especiais I: “estudos do cotidiano: teoria e pesquisa”, Programa de Pós- Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia- UFAM, Manaus-AM, abril e maio de 2013.

BETHENCOURT, Francisco; CURTO, Diogo Ramada, **Memória e sociedade**, Ed. Bertrand



Brasil, RJ, 1989.

BACON, F. **A sabedoria dos antigos**. (trad. G. C. C. Souza). São Paulo: Edunesp, 2002.

DAMÁSIO, A. R. “**Lembrando de quando tudo aconteceu**”. Scientific American Brasil, São Paulo, ano 1, n. 5, p.78-85, out. 2002

FERREIRA, Aurelio B. de Holanda. **Miniaurélio**, ed. Nova fronteira, 4.<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro, 2000.

**Fordismo**. Disponível em:< <http://www.infoescola.com/economia/fordismo/>> Acessado: 29 set. 2011.

GARCIA, J. Cronos E Kairós: **Repensando a Temporalidade do Currículo**. Disponível em: <[http://www.educacaoonline.pro.br/cronos\\_e\\_kairos.asp?f\\_id\\_artigo=117](http://www.educacaoonline.pro.br/cronos_e_kairos.asp?f_id_artigo=117)> Acesso em 28 jun. 2013.

MANSUR, J. **O frio pode ser quente**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MELLO, Marques José. **Jornalismo Opinativo, gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**, São Paulo, ed. Mantiqueira, 2003.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ORTIZ, Renato (org.). 1983. **Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39.p.156-183.

PAULA, Flávia Anastácio de. **Astúcias de uma professora alfabetizadora: um estudo de caso sobre a alfabetização e os usos dos tempos em uma sala de aula**, tese de doutorado da Unicamp da faculdade de educação, Campinas-SP, 2008.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**, São Paulo Contexto, 2010.

PENA, F. (2005). **1000 Perguntas Jornalismo**. Rio de Janeiro: Rio. (coleção da Estácio de Sá).

POHLMANN, Angela Raffin. **Educação Revista do Centro de Educação** ISSN: 0101-9031. Santa Maria- RS, v. 31 - n. 02, p. 283-294, 2006. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista>. Acesso em 20 de jul de 2013.

RABAÇA, Carlos Alberto R.; BARBOSA, G. Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

SALAMITO, Jean-Marie. Trabalho e trabalhadores na obra de Santo Agostinho. In: MERCURE, Daniel e SPURK, Jan (org.). **O Trabalho na história do Pensamento Ocidental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005 Weber o homem é trabalho. Se este não trabalhar a sociedade o discrimina (é vagabundo). Significado da vida.

**Tempos Modernos** (Modern Times, EUA 1936). Direção: Charles Chaplin, Elenco: Charles Chaplin, Paulette Goddard, 87 min. preto e branco, Continental.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**, v.1 Insular, Florianópolis/SC, 2005.

TRAVANCAS Isabel. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

TORRES, Iraídes Caldas, disciplina eletiva: **Expressões Contemporâneas do Trabalho**, programa de pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia- UFAM, Manaus-AM, abril e maio de 2013.

UOL. Disponível em: [HTTP:// revistacult.uol.com.br / home 2010 / 03 / pequeno-glossario-da-teoria-de-bourdieu /](http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/pequeno-glossario-da-teoria-de-bourdieu/) Acesso em 18 de abr de 2013.

## Notas

<sup>1</sup>Conjunto de pessoas que redigem regularmente para um determinado periódico (jornais, revista etc.), editora, agência de notícias, estação de rádio ou TV etc. Fonte: RABAÇA, Carlos Alberto R.; BABOSA, G. Gustavo. Dicionário de Comunicação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

<sup>2</sup>Nelson Traquina é professor catedrático em Jornalismo no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa, onde leciona desde 1982. Fonte: TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são, v.1 Insular, Florianópolis/SC, 2005.

<sup>3</sup>Prazo limite para conclusão de uma tarefa ou cumprimento de um compromisso. Fonte: RABAÇA, Carlos Alberto R.; BABOSA, G. Gustavo. Dicionário de Comunicação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

<sup>4</sup>São dois basicamente, os gêneros jornalísticos: informativo ( nota, notícia, reportagem e entrevista) e opinativo ( editorial, artigo, resenha, comentário, coluna, crônica, caricatura e carta). Fonte: MELLO, Marques José. Jornalismo Opinativo, gêneros opinativos no jornalismo brasileiro, São Paulo, ed. Mantiqueira, 2003. Observação: Existem autores como José Marque Melo assim como Cremilda Medina que não veem a necessidade de outros gêneros exemplo: o interpretativo, por entender que a interpretação se faz automaticamente nos outros gêneros, de igual modo o investigativo etc.

<sup>5</sup>O que é publicado , por um jornal, revista, radiojornal ou telejornal, incluindo textos e ilustrações ( visuais ou sonoras). Tanto o original de qualquer notícia, artigo, crônica, nota etc., quanto a forma impressa recebem, genericamente, o nome de matéria. Fonte: RABAÇA, Carlos Alberto R.; BABOSA, G. Gustavo. Dicionário de Comunicação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001. Segundo Mario Erbolato as matérias são classificadas quanto á oportunidade de publicação: a) quente (ou competitivas) que precisam ser publicadas imediatamente e b) frias (não competitivas) que não precisam ter pressa em ser veiculadas nos meios de comunicação.

<sup>6</sup> O lide (do inglês: lead) nada mais é do que o relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo ‘a perguntas básicas do leitor: o que, quem, como, onde, quando e por quê.

Fonte: PENA, F. (2005). 1000 Perguntas Jornalismo. Rio de Janeiro: Rio. (coleção da Estácio de Sá).

<sup>7</sup>Disposição das informações, por ordem decrescente de importância, em um texto jornalístico.

<sup>8</sup>Aiôn, estão relacionadas com o culto mesopotâmico de Mitra, que mostra uma figura severa e alada com cabeça e garras de leão, estreitamente envolvida por uma grande serpente e levando uma chave em cada mão. Mais raramente Aion pode vir representado como divindade órfica Fanés, um belo jovem alado, circundado pelo zodíaco, provido de atributos, poder cósmico e rodeado pelos anéis de uma serpente. Fonte: PAULA, Flávia Anastácio de, Astúcias de uma professora alfabetizadora: um estudo de caso sobre a alfabetização e os usos dos tempos em uma sala de aula, tese de doutorado da Unicamp da faculdade de educação, Campinas-SP, 2008

<sup>9</sup>*Campo*: noção que caracteriza a autonomia de certo domínio de concorrência e disputa interna. Serve de instrumento ao método relacional de análise das dominações e práticas específicas de um determinado espaço social. Cada espaço corresponde, assim, a um campo específico- cultural, econômico, educacional, científico, jornalístico etc.-, no qual são determinados a posição social dos agentes e onde se revelam, por exemplo, as figuras de “ autoridade”, detentoras de maior volume de capital. Fonte: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/pequeno-glossario-da-teoria-de-bourdieu/>

<sup>10</sup>*Habitus*: sistema aberto de disposições, ações e percepções que os indivíduos adquirem com o tempo em suas experiências sociais (tanto na dimensão material, corpórea, quanto simbólica, cultural, entre outras). O *habitus* vai, no entanto, além do indivíduo, diz respeito ‘as estruturas relacionais nas quais está inserindo, possibilitando a compreensão tanto de sua posição num campo quanto seu conjunto de capitais. Fonte: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/pequeno-glossario-da-teoria-de-bourdieu/>

<sup>11</sup>Kairós uma figura da oportunidade, ou momento breve e decisivo. Representado por um jovem, a princípio nu, num movimento de fuga, provido de asas nos ombros e nos tornozelos, portando uma lança, em equilíbrio no gume de uma faca ou sobre uma ou duas rodas. Alguns mostram Kairós como uma jovem sempre em movimento em um movimento de colheita. O caráter alegórico de Kairós ou Oportunidade sobreviveu até o século XI e depois tendeu a fundir-se com a figura da Fortuna. Fonte: PAULA, Flávia Anastácio de Astúcias de uma professora alfabetizadora: um estudo de caso sobre a alfabetização e os usos dos tempos em uma sala de aula, tese de doutorado da Unicamp da faculdade de educação, Campinas-SP, 2008.